

definitivamente, como um movimento forte e presente no espírito de todos dentro da Igreja Católica. Durante a reunião, alguns conselheiros manifestaram uma certa apreensão pelos números do ano passado. Os dados oficiais dizem que foram celebrados na arquidiocese pouco mais de três mil matrimónios, mas foram menos de 500 os casais que participaram no CPM.

D. Jorge Ortiga admite que «se pode e deve fazer mais», mas prefere «realçar o trabalho feito» e os resultados já alcançados. «O CPM é um trabalho insubstituível dentro da Igreja, que é feito essencialmente pelos leigos. Para eles, que são quem está no terreno, os números são sempre curtos e manifestam o desejo de querer sempre mais, o que é bom sinal. Mas devo dizer que há muito trabalho positivo que já foi realizado e quem o desenvolveu merece ser acarinhado e elogiado», referiu.

O prelado aproveitou a presença na reunião para desafiar os presentes a colaborar no programa pastoral do próximo ano. «No próximo ano, em que o tema é “Fé celebrada”, iremos abordar a temática dos sacramentos e, obviamente, também o matrimónio. Nesse sentido, desafiei-os a que façam chegar propostas sobre a temática do matrimónio e do CPM, para que sejam incorporadas no programa pastoral do próximo ano, de modo a que se intensifique o trabalho de mentalização e de corresponsabilidade, quer de leigos, párocos e noivos, numa lógica de Igreja de Cenáculo», explicou D. Jorge.

Ano da fé

De novo, um Ano da Fé! 45 anos depois de o Papa Paulo VI ter promulgado o primeiro “Ano da Fé”, para comemorar o martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, o Papa Bento XVI envolve toda a Igreja num caminho de unidade eclesial e com objetivos muito claros: uma autêntica e renovada conversão; a redescoberta do caminho da fé; sentir de novo a necessidade de ir como a samaritana ao poço para ouvir Jesus; readquirir o gosto de nos alimentarmos da Palavra e do Pão da vida; confessar a fé com renovada convicção.

Além destas metas, Bento XVI apresenta os três momentos marcantes da vida que pretende comemorar através da convocação deste Ano da Fé (11 de outubro de 2012 até 24 de novembro de 2013): os 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II; os 20 anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica; e ainda o Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé”, que decorreu em Roma, no passado mês de outubro.

Depois de três Encíclicas, duas que falam sobre a Caridade (“Deus Caritas est”, de 25 de dezembro de 2005, e “Caritas in Veritate”, de 29 de junho de 2009) e outra sobre a esperança (“Spes salvi”, de 30 de novembro de 2007), surge agora esta Carta Apostólica sobre a Fé (“Porta Fidei”). Podemos dizer que se trata da renovação na continuidade. Este documento é uma «autêntica carta de navegação para a Igreja neste momento histórico».

O Papa justifica a convocatória deste Ano da Fé ao afirmar que, no mundo atual, «é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização». Vivemos tempos de profunda crise de fé. Há novas condições históricas, diferentes do passado, a exigir um renovado anúncio e testemunho. A fé – virtude teologal – não é apenas o dom recebido no Batismo e é muito mais do que uma simples crença; é uma fonte para caminhar toda a vida. É companheira de toda a vida! Nas palavras do Papa, «atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira».

Com esta Carta Apostólica, não se abre apenas a “porta da fé”, mas abrem-se muitas outras portas que podem conduzir cada comunidade cristã a confessar a fé plenamente, com confiança e esperança; a intensificar a celebração da fé na liturgia, particularmente na Eucaristia; a descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada. Nesta perspetiva, os documentos do Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica são livros de estudo indispensáveis.

A nossa arquidiocese de Braga agarrou este desafio e foi ainda mais longe, ao traçar um Plano Pastoral para os próximos cinco anos. Até ao ano de 2017, estaremos centrados no tema da fé, com um objetivo transversal de «redescobrir a nossa identidade cristã» através da fé professada, celebrada, vivida, anunciada e contemplada. Caminharemos com o olhar fixo em Jesus Cristo.

A perspetiva bíblica deste caminho é clara. Partimos de uma afirmação do Apóstolo Paulo escrita ao seu colaborador Timóteo: «Sei em quem acreditei» (2 Tm 1, 12), para, cinco anos mais tarde, ouvirmos, como Maria, esta bem-aventurança: «Feliz de ti que acreditaste» (Lc 1, 45). Terminaremos este quinquénio pastoral com um ano dedicado à Virgem Maria – Ano Mariano -, comemorando, desta forma, o centenário das aparições em Fátima.

A autêntica e renovada conversão pedida pelo Papa não acontece pelo facto de termos um plano pastoral mais ou menos bem elaborado. Depende claramente da forma como cada um de nós se empenha e se compromete. O documento publicado pela arquidiocese apresenta caminhos e procura ajudar a perceber que portas podemos abrir para não sermos indolentes na nossa fé e para tornar mais firme a nossa relação com o Senhor Jesus. Por isso, para concluir, fica a pergunta para reflexão pessoal: «Já entrámos, decididamente, por essa porta, ou só espreitámos por ela?» (D. José Policarpo, Carta Pastoral “A força da fé”, 2012).

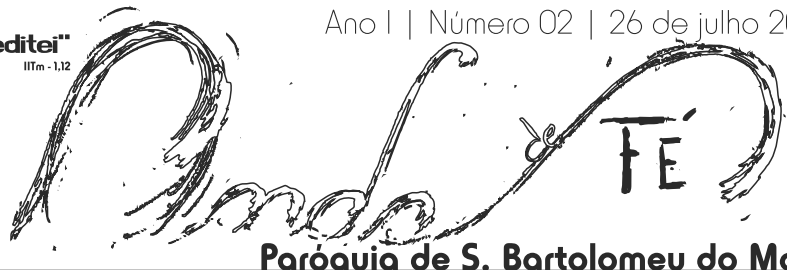
Sérgio Torres, Diretor do Secretariado Arquidiocesano de Braga de Pastoral

“ONDA DE FÉ” é publicado com o apoio da Junta de Freguesia de Mar e do Agrupamento de Escuteiros nº82 - S. Bartolomeu do Mar

Contactos do Padre Viana: telemóvel 918 151 477 | e-mail domsampaioviana@gmail.com

FÉ PROFESSADA
“Sei em quem acreditei”

1Tm - 1,12



Ano I | Número 02 | 26 de julho 2013

Paróquia de S. Bartolomeu do Mar

XVIII Domingo do Tempo Comum - Ano C A Palavra...

Gn 18, 20-32; Sl 137, 1-3.6-8; Cl 2, 12-14; Lc 11, 1-13

«Pedi e dar-vos-ão»

As leituras da Eucaristia de hoje falam-nos da oração, do dever que temos de rezar, se possível, todos os dias. E falam-nos da perseverança e constância na nossa oração.

Ao pedido de um dos discípulos «Senhor, ensina-nos a orar», Jesus ensina a todos a oração tão bela do Pai nosso, modelo de toda a oração. Na primeira parte desta oração, Jesus ensina-nos a louvar a Deus («santificado seja o vosso nome, venha a nós o Vosso Reino»), podendo nós acrescentar que, nesta oração de louvor, deverá estar também a nossa oração de ação de graças por todos os benefícios, graças e dádivas com que Deus nos cumula em todos os dias. Só na segunda parte da oração do Pai nosso é que Jesus ensina as pessoas a pedirem a Deus Pai as graças de que necessitam, a começar pelo pão nosso de cada dia, o perdão dos pecados e a graça de não cairmos em tentação.

Deus Pai bem sabe do que nós precisamos para a nossa vida espiritual e a nossa vida corporal, mas quer que sejamos nós, de viva voz, a pedir-Lhe essas mesmas graças. E tudo devemos pedir a Deus, já que de Deus tudo nos vem, a começar pelo dom da vida, a saúde, o trabalho, a graça da união na família, etc.

Por isso mesmo, Jesus recomenda a graça de rezarmos sempre sem desanimar, de sermos perseverantes e constantes na nossa oração: «Pedi e dar-vos-ão; procurai e achareis; batei e não-de abrir-vos. Pois todo aquele que pede recebe; quem procura encontra; e ao que bate abrir-se-á».

A oração de intercessão de Abraão junto de Deus em favor dos habitantes de Sodoma é exemplo e estímulo a também nós sermos perseverantes na nossa oração e a não

desanimarmos quando nos parece que Deus não escuta as nossas orações. Se calhar, como diz S. Paulo, é porque não sabemos o que devemos pedir a Deus. Mas é o Espírito Santo que vem em nossa ajuda para clamarmos “Abbá, ó Pai”.

Esta nossa confiança em Deus e esta nossa atitude perseverante na nossa oração estão expressas no refrão do salmo responsorial, quando dizemos: «Quando vos invoco, sempre me atendeis, Senhor!»

A oração que dirigimos a Deus há-de ser também de súplica para que Ele nos perdoe os nossos pecados. Jesus ensinou os discípulos a rezarem a Deus «perdoai-nos os nossos pecados», mas condicionou a obtenção desse perdão de Deus à nossa capacidade de perdoarmos também a todos os que nos tenham ofendido. Por isso, acrescentou: «Pois nós também perdoamos a todo aquele que nos ofende».

...e a liturgia

Dia 28 - XVII Domingo do Tempo Comum

Dia 29 - Santa Marta

Dia 30 - S. Pedro Crisólogo, bispo e doutor da Igreja

Dia 31 - Santo Inácio de Loyola, presbítero

Dia 1 - Santo Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja

Dia 2 - Santo Eusébio de Vercelas, bispo. S. Pedro Juliano Eymard, presbítero

Dia 3 - Santa Maria no sábado

Dia 4 - XVIII Domingo do Tempo Comum

Vida Paroquial

INTENÇÕES DE MISSAS

Terça, dia 30, 20h00: Narcisa Martins de Abreu; Manuel António Cepa Afonso (m.c. obras); António Rodrigues Afonso dos Santos e esposa; Manuel de Oliveira; Manuel Torres Ribeiro e pais; Manuel Alves Laranjeira e avós; irmãos do Purgatório.

Quinta, dia 01, 20h00: Alzira Martins de Abreu; Manuel Martins Alves (lg. Cima); Maria da Glória Martins Viana; Manuel Alves Júnior e esposa.

Sexta, dia 02, 20h00: Associados vivos e falecidos da Associação do Sagrado Coração de Jesus; Guilhermina Roque de Freitas e marido; Delfim Figueiredo Cepa; José Joaquim Rodrigues Lima Sampaio; Maria da Glória dos Santos Vaz Saleiro; José António Lopes Machado; Manuel Pires Laranjeira Novo e esposa.

Sábado, dia 03, 20h00: Maria Aurora Abreu Figueiredo; António Alves Barbosa Leal; Alzira Afonso Sampaio (m.c. obras); Eugénio Martins Cepa Afonso; intenção particular.

Domingo, dia 04, 07h30: Intenções de todos os paroquianos.

Domingo, dia 04, 09h00: Álvaro Rodrigues Neiva (m.c. obras); Alfredo Vaz Saleiro Lima e irmão Damião; Adelina Dias Carqueijó e marido; Manuel Meira (m.c. obras); Alzira Afonso Sampaio (m.c. obras).

Domingo, dia 04, 10h30: Arminda Pereira de Lima e marido

LEITORES NAS MISSAS

Segunda, dia 29, 20h00: António Cepa.

Terça, dia 30, 20h00: Susana Monteiro.

Quarta, dia 31, 20h00: Diana Figueiredo.

Quinta, dia 01, 20h00: Lurdes Lima.

Sexta, dia 02, 20h00: Rosa Viana.

Sábado, dia 03, 20h00: Tânia Figueiredo (1ª leitura), Ana Palmeiro (2ª leitura) e Diana Figueiredo.

Domingo, dia 04, 07h30: António Cepa (1ª leitura), Bruno Figueiredo (salmo), Jorge Costa (2ª leitura) e Rosa Viana.

Domingo, dia 04, 09h00: Escuteiros.

Domingo, dia 04, 10h30: Francisco Maranhão (1ª leitura), Fernando Nunes (2ª leitura) e Arminda Afonso.

Devem comparecer na sacristia uns minutos antes da Missa para estudarem as leituras. Quem não puder comparecer deve arranjar outra pessoa para ler na sua vez.

ACÓLITOS NAS MISSAS

Sábado, dia 03, 20h00: Emanuel Flores, Luís Lima, Tiago Pereira e Marta Rei.

Domingo, dia 04, 07h30: Alberto Vale, Ricardo Santos, Marco Monteiro e Diana Saleiro.

Domingo, dia 04, 09h00: Escuteiros.

Domingo, dia 04, 10h30: César Faria, Beatriz Capitão, Pedro Carqueijó e Francisca Cerqueira. Devem estar na sacristia uns minutos antes da Missa para vestirem as túnicas e decidir das tarefas de cada um. Quem não puder comparecer deve arranjar outro acólito que faça a sua vez.

ORAÇÃO DA TARDE, neste domingo, dia 28, às 15h00.

NÃO HÁ MISSA, na segunda-feira e na quarta-feira

Assim, D. Jorge Ortiga apela a um «dar as mãos e procurar os pontos, por pequenos que sejam, que unem», pois são «o segredo de uma felicidade comum e paradigma de um modo de agir que vai certamente ultrapassar a crise».

No domingo, foi também entronizada a relíquia de João Paulo II no Sameiro.

Pobreza é um «escândalo», denuncia o Papa, que admitiu que nunca quis ser Pontífice

O Papa encontrou-se, no passado dia sete, no Vaticano, com cerca de nove mil alunos e professores de escolas jesuítas, perante os quais afirmou que a pobreza é um «escândalo», admitiu que nunca quis ser Papa e explicou porque optou por residir fora do palácio apostólico.

«Num mundo onde há tantas riquezas, tantos recursos para dar de comer a todos, é impossível entender que haja tantas crianças que passam fome, tantas crianças sem educação, tantos pobres», declarou Francisco.

O Papa optou por deixar de lado o discurso «aborrecido» e sintetizou a intervenção de maneira informal, perante as gargalhadas da assistência.

Uma criança perguntou a Francisco porque é que optou por residir na Casa de Santa Marta e não no palácio apostólico e se isso era uma «renúncia à riqueza». «Penso que não se trata apenas de algo que tenha a ver com a riqueza. Para mim, é uma questão de personalidade, eu preciso de viver no meio das pessoas e se vivesse sozinho, isolado, não me sentiria bem», confessou.

O Papa acrescentou que a mesma questão sobre a sua residência lhe tinha sido feita por um professor e que lhe respondeu: «Ouça, professor, por questões psiquiátricas».

Francisco partiu desta questão para abordar o tema da pobreza, afirmando que esta é «um grito», hoje. «Todos temos de pensar em tornar-nos um pouco mais pobres», defendeu, o que impica «não ter tantas coisas».

«Quero dizer-vos a todos vós, jovens: não deixeis que vos roubem a esperança. E quem vos rouba a esperança? O espírito do mundo, as riquezas, o espírito da vaidade, a soberba, o orgulho», advertiu.

Francisco exortou também os cristãos a empenharem-se na política, afirmando ser «uma obrigação dos cristãos, que não podem daí lavar as mãos, como Pôncio Pilatos». «A política é a forma mais elevada da caridade, pois ela procura o bem comum», sustentou.

Outra criança perguntou a Francisco se mantinha o contacto com os seus amigos de infância e o Papa lembrou que só estava no Vaticano há dois meses e meio e que eles estão «longe, a 14 horas de avião».

Outra aluna perguntou a Francisco se queria ser Papa, ao que este respondeu que «não». «Uma pessoa que quer ser Papa não gosta muito de si, Deus não o abençoa», gracejou.

O encontro começou com uma série de testemunhos, apresentações de música ao vivo e com a leitura de algumas cartas dirigidas a Francisco. O Papa argentino, ele próprio jesuíta, disse que no trabalho da educação o essencial é «ter o coração grande, grandes ideais» e promover valores centrais como «a liberdade e o serviço».

«Liberdade é saber refletir, avaliar o que é bem e o que é mal, e optar sempre pelo bem. Escolher o bem fará de vós pessoas com uma espinha dorsal forte, que sabem enfrentar a vida com coragem e paciência», precisou.

Antes de terminar, o Papa encorajou os professores e pais: «Educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser».

Francisco admitiu que esta missão pode exigir «novas formas de educação não convencionais».

D. Jorge elogia trabalho dos leigos na dinamização do CPM nas paróquias

O Arcebispo de Braga deixou, no passado dia 22 de junho, palavras elogiosas e de estímulo aos membros da arquidiocese que são responsáveis diretos pela dinamização dos CPM's (Centros de Preparação para o Matrimónio) e por levá-los a toda a comunidade, em particular aos noivos que manifestam intenção de casar.

A mensagem de D. Jorge Ortiga foi transmitida durante a reunião do Conselho Arquidiocesano do CPM, que esteve reunido, no passado dia 22, para uma jornada de reflexão sobre os resultados do trabalho feito e sobre os desafios para os próximos tempos. Uma reunião muito participada e na qual várias vozes se fizeram ouvir sobre quais as melhores estratégias a seguir para que o CPM se afirme,